

ESCRAVIDÃO *VERSUS* LIBERDADE: UMA IDEOLOGIA DE LIBERDADE NO CONTEXTO NORTE-AMERICANO¹

Jorge Corrêa dos Santos Filho

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras

Universidade Presbiteriana Mackenzie

A liberdade é condição inerente ao ser humano. Desde o princípio, o homem foi criado para a liberdade (Gênesis, capítulo 1 e versículos 26 a 28 – ARA), de tal forma que o ser humano foi criado conforme a semelhança de Deus, e isso foi transmitido através das gerações a todos os povos. Na liberdade, encontramos o grande desenvolvimento da sociedade, na qual observamos grandes transformações. Ao mesmo tempo, entendemos que o cerceamento da liberdade é sinal de opressão e de degeneração social.



Cena da versão cinematográfica de Uncle Tom's Cabin, 1927

Figura 1 - Thomas Jefferson e o problema da escravidão

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014200000100008

¹ Este texto recupera elementos da dissertação de mestrado intitulada “Ainda é possível sonhar com a liberdade? Análise hermenêutica do discurso *I have a dream*”, defendida em 2017, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Na Bíblia, no Antigo Testamento (A.T.), está expresso o termo *ebed* (já transliterado do hebraico), que ocorre por mais 750 vezes (TENNEY, 2008, p. 457), somado a outros dois termos para designar o escravo homem e a escrava mulher. O mesmo livro identifica que a escravidão é sinônimo de opressão e domínio de povos.

Além desse exemplo, o A.T. traz diversos outros casos de escravidão, tais como: o relato do irmão que assassina seu irmão (Gênesis 3); Cam, filho de Noé, que é designado como escravo dos seus irmãos (Gênesis 9:20-29); o relato sobre José, que é vendido por seus irmãos (Gênesis 37). Também no N.T., por sua vez, encontramos a palavra *doulos* (já transliterada do grego) que aparece por 121 vezes (TENNEY, 2008, p. 462) e, particularmente, neste livro, temos uma carta escrita pelo Apóstolo Paulo a Filemon, em que destaca o fenômeno da escravidão.

A escravatura é o domínio exercido de forma deliberada e intencional contra a pessoa, que, por sua vez, não concorda com a situação. Na história do povo de Israel, de forma particular, encontramos o relato de sucessivos cativos, que é uma das formas de opressão de pessoas. Tal prática verifica-se em muitos povos ao longo da história e nessa dominação observamos culturas sendo destruídas e o desenvolvimento da humanidade estagnada, principalmente quando vista pelos oprimidos, porém vantajosa e lucrativa na perspectiva dos opressores.

Toda a escravidão e dominação são ideológicas, nem sempre as causas são econômicas ou raciais. A ideologia da opressão e dominação está sempre relacionada ao benefício particular do opressor, assim como o próprio símbolo de poder.

Quando tratamos de ideologia de liberdade, somos transferidos para momentos como a Revolução Francesa, do qual herdamos o lema *liberté, égalité, fraternité* (*liberdade, igualdade, fraternidade*). Como decorrência, tem-se a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que, na sua versão original de 1789 ou nas seguintes, de 1793 e 1795, procuram esclarecer esses três conceitos:

A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique os outros. Assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem ou mulher não tem limites que não sejam os que garantem outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. (Artigo 6º. - versão de 1793)

A igualdade consiste em uma lei que seja a mesma para todos, seja ao proteger, seja ao punir. A igualdade não admite qualquer distinção de nascimento ou herança de poder. (Artigo 3º. - versão de 1795).

Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você, faça o bem aos outros à mesma medida que gostaria de o receber. (Artigo 6º. – versão de 1793) ²

Mais adiante, perseguindo os mesmos ideais, a Declaração Universal dos Direitos Humano (DUDH) acabou por se constituir como o documento marco na história dos direitos humanos, adotado e proclamado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em 1948. Alguns estudiosos, entre eles Hunt, afirmam:

As declarações – em 1776 [declaração da Independência dos Estados Unidos], 1789 [Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão] e 1948 [Declaração Universal dos Direitos Humanos] – providenciaram uma pedra de toque para esses direitos da humanidade, recorrendo ao senso do que ‘não é mais aceitável’ e ajudando, por sua vez, a tornar as violações ainda mais inadmissíveis. O processo tinha e tem em si uma inegável circularidade: conhecemos o significado dos direitos humanos porque nos afligimos quando são violados. As verdades dos direitos humanos talvez sejam paradoxais nesse sentido, mas apesar disso ainda são autoevidentes. (HUNT, 2009, p. 216)

Segundo Hunt, os Direitos Humanos, como ideal de liberdade, não foram facilmente compreendidos e assimilados. Ao contrário, foram produto de idas e vindas, incluindo a compreensão dos conflitos entre a metrópole e a colônia americana, que acabou por gerar a Declaração da Independência dos estados Unidos da América, ratificada em 04 de julho de 1776. Nessa direção, aponta Hunt:

Não devemos esquecer as restrições impostas aos direitos pelos homens do século XVIII, mas parar por aí, dando palmadinhas nas costas pelo nosso próprio ‘avanço’ comparativo, é não compreender o principal. Como é que esses homens, vivendo em sociedade construídas sobre a escravidão, a subordinação e a subserviência aparentemente natural, chegaram a imaginar homens nada parecidos com eles, e em alguns casos também mulheres, como iguais? Como é que a igualdade de direitos se tornou uma verdade ‘autoevidente’ em lugares tão improváveis?

É espantoso que homens como Jefferson, um senhor de escravos, e Lafayette, um aristocrata, pudessem falar dessa forma de direitos autoevidentes e inalienáveis de todos os homens. Se pudessemos

² "Liberté, Égalité, Fraternité". Disponível em: < <http://action-republicaine.over-blog.com/article-5146570.html> >

compreender como isso veio a acontecer, compreenderíamos melhor o que os direitos humanos significam para nós hoje em dia. (HUNT, 2009, p. 17)

A necessidade de reconhecimento dos direitos humanos como ideal de liberdade dá-se por conta das desigualdades e das intolerâncias étnicas, sexuais, sociais e também geracionais. Para este desenvolvimento, é necessário que se construa uma melhor compreensão do **eu** e do **outro**, como manifestação de empatia, que culminaria na não ocorrência de violências físicas ou morais.

Toda escravatura se dá, em razão da intolerância das pessoas e também da necessidade de mão de obra para satisfazer os anseios de uma sociedade dominadora e opressora. O que podemos observar com o acima referido é que mesmo alguns donos de escravos eram abolicionistas na teoria, uma vez que defendiam a tese de que deveria haver um trabalho para as pessoas, e que na ausência do trabalho, a escravidão seria uma opção possível.

Com isso, vemos a oportunidade de um olhar analítico acerca do discurso de Martin Luther King, I have a Dream³, pois o mesmo vem trazer à tona a questão da segregação e o drama da opressão vivenciados pelos negros de forma generalizada e com crueldade por parte de alguns, e não pela totalidade da população e pelas autoridades americanas.

Nos EUA, a grande difusão e defesa da escravatura e da opressão deu-se nas comunidades agrárias, sendo que alguns destes agricultores, mesmo que intentassem ou tivessem a intenção de libertar seus escravos, eram impedidos pelo sistema que lhes impossibilitava tal ação.

Pensar na abolição da escravatura seria gerar uma população enorme, que, não encontrando trabalho, seria uma grande população pobre a ser assistida pelo Estado e seria assim um problema social. Talvez tenha sido esta a visão dos abolicionistas ao desejarem, em caso de abolição da escravatura, que estes não mais escravos pudessem ir para sua terra e para os seus. Um dos exemplos é Jefferson, que era um porta-voz da liberdade.

³ A íntegra do discurso I Have a Dream encontra-se ao final deste artigo.

A liberdade ensinada nas Escrituras Sagradas ou a abolição da escravatura, traria às pessoas o direito inalienável, seja de expressão, seja de busca de um trabalho que lhes desse o sustento e uma vida digna e não apenas o trabalho pelo pão e pelo teto. O sonho que Martin Luther King ilustra, neste discurso, justamente a condição de igualdade e de possibilidades de busca por oportunidades. Ele tem o intento de reiterar aos negros que sua busca por liberdade e igualdade, não estava necessariamente em olhar no outro como um inimigo (“A nova e maravilhosa militância que engolfou a comunidade negra não deve nos levar a desconfiar de todos os homens brancos, pois muitos de nossos irmãos brancos, como se torna evidente com a sua presença aqui hoje, compreenderam que o seu destino está ligado ao nosso. Eles compreenderam que a sua liberdade está atada à nossa, de forma inextricável) “ (e que pode ser conferido no parágrafo 9 de *I Have a Dream*).

Martin Luther King defende que o ideal de liberdade era justamente a luta pelos seus direitos, em busca da dignidade e da igualdade, sem a opressão e a segregação; por isso, tão relevante naquele momento da história quanto ainda hoje, quando as pessoas buscam seus direitos de igualdade e de possibilidades comuns de oportunidades.

Este anseio por liberdade está arraigado e entrelaçado com a questão da busca pelos direitos humanos. Este ensinamento podemos extrair da afirmação de Thomas Jefferson: “[...] todos os homens são criados iguais, dotados pelo seu Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade” (HUNT, 2009, p.13).

O discurso *I have a Dream* foi proferido por Luther King durante a Marcha por Trabalho e Liberdade, em Washington, D.C., em 28 de agosto de 1963 e reconhecido como o melhor discurso do século XX (cf. Carson e Sheppard, 2006 e Carson, 2014). Além disso, esta manifestação em busca de liberdade e dos direitos civis foi uma das maiores já ocorridas na história dos Estados Unidos. Tem-se aqui a descrição da aspiração de Martin Luther King de liberdade e de conquista. Nele há descrições de anseio de liberdade e de conquistas, direitos estes já garantidos, registrados e que não eram permitidos. Por isso, no início do discurso, salienta-se a ideia de felicidade pelo local onde se realiza a manifestação – a Capital do país – como o ideal que se busca naquele momento histórico. Também encontramos detalhadamente os prazos para a concretização dos direitos de liberdade e igualdade, pontuando que os mesmos ainda são negados.

Neste discurso, Luther King mencionou documento relevante sobre a história dos Estados Unidos: a Proclamação de Emancipação, que afirmava sobre a liberdade e, conseqüentemente, sobre a libertação dos escravos. Luther King afirmou que, apesar de o documento ter sido assinado 100 anos antes pelo Presidente Abraham Lincoln, permaneciam em seu tempo atitudes discriminatórias e intolerantes para com os negros. Assinala, ainda, que algumas promessas ainda não haviam sido cumpridas, lembrando que todas as pessoas são criadas igualmente e por isso deveriam ter as mesmas oportunidades.

A atuação política e social de Martin Luther King foi fundamental para as mudanças que ocorreram nas leis dos EUA nas décadas de 1950 e 1960. As leis segregacionistas foram caindo, dando espaço para uma legislação mais justa e igualitária. Embora sua atuação tenha se dado dentro do seu país, ainda hoje é lembrado em muitos momentos e pelos diversos cantos do mundo como símbolo de luta pacífica pelos direitos civis, onde se faz presente a necessidade de igualdade.

Referências

CARSON, Kleiborne (org.). *A Autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARSON, Kleiborne e SHEPPARD, Kris (orgs). *Um apelo à Consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

TENNEY, Meryll C.(Org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008. (V. 2)

Anexo – I Have a Dream (tradução de Sérgio Lopes)

Eu tenho um sonho

1 - Estou contente de me reunir hoje com vocês nesta que será conhecida como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação.

2 - Há dez décadas, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Esse magnífico decreto surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que arderam nas chamas da

árida injustiça. Ele surgiu como uma aurora de júbilo para pôr fim à longa noite de cativo.

3 - Mas cem anos depois, o negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do negro ainda está tristemente debilitada pelas algemas da segregação e pelos grilhões da discriminação.

4 - Cem anos depois, o negro vive isolado numa ilha de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o negro ainda vive abandonado nos recantos da sociedade na América, exilado em sua própria terra. Assim, hoje viemos aqui para representar a nossa vergonhosa condição.

5 - De uma certa forma, vimos à capital da nação para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração da Independência (Sim), eles estavam assinando uma nota promissória da qual todos os americanos seriam herdeiros. A nota era uma promessa de que todos os homens, sim, negros e brancos igualmente, teriam garantidos os “direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade”. É óbvio neste momento que, no que diz respeito a seus cidadãos de cor, a América não pagou essa promessa. Em vez de honrar a sagrada obrigação, a América entregou à população negra um cheque ruim, um cheque que voltou com o carimbo de “sem fundos”.

6 - No entanto, recusamos a acreditar que o banco da justiça esteja falido. Recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidade desta nação. E, assim, viemos descontar esse cheque, um cheque que nos garantirá, sob demanda, as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

7 - Viemos também a este glorioso local para lembrar a América da urgência feroz do momento. Não é hora de se comprometer com o luxo do comedimento ou de tomar o tranquilizante do gradualismo. Agora é hora de concretizar as promessas da democracia (Sim, Senhor). Agora é hora de deixar o vale sombrio e desolado da segregação pelo caminho ensolarado da justiça racial. Agora é hora de conduzir a nossa nação da areia movediça da injustiça racial para a sólida rocha da fraternidade. Agora é hora de tornar a justiça uma realidade para todos os filhos de Deus.

8 - Seria fatal para a nação ignorar a urgência do momento. Este verão sufocante do legítimo descontentamento dos negros não passará até que haja um outono revigorante de liberdade e igualdade. O ano de 1963 não é um fim, mas um começo. E aqueles que agora esperam que o negro se acomode e se contente terão uma grande surpresa se a nação voltar a negociar como de costume. E não haverá descanso nem tranquilidade na América até que se conceda ao negro a sua cidadania. As tempestades da revolta continuarão a balançar os alicerces da nossa nação, até que floresça a luminosa manhã da justiça.

9 - Mas há algo que devo dizer a meu povo, diante da entrada reconfortante do Palácio da Justiça: ao longo do processo de conquista do nosso merecido lugar, não podemos nos condenar com atos criminosos. Não devemos saciar a nossa sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio. Devemos sempre conduzir a nossa luta no mais alto nível de dignidade e disciplina. Não podemos permitir que o nosso protesto degenerem em violência física. Vezes sem fim, devemos nos elevar às majestosas alturas para confrontar a força física com a força da alma. A nova e maravilhosa militância que engolfou a comunidade negra não deve nos levar a desconfiar de todos os homens brancos, pois muitos de nossos irmãos brancos, como se torna evidente com a sua presença aqui hoje, compreenderam que o seu destino está ligado ao nosso. Eles compreenderam que a sua liberdade está atada à nossa, de forma inextricável.

10 - Não podemos caminhar sozinhos. E, enquanto caminhamos, devemos prometer que sempre marcharemos adiante. Não podemos voltar. Há quem pergunte aos devotos dos direitos civis: “Quando ficarão satisfeitos?” (Nunca).

11 - Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos inenarráveis horrores da brutalidade policial. Não ficaremos satisfeitos enquanto os nossos corpos, pesados pela fadiga da viagem, não obtiverem hospitalidade nos hotéis das rodovias e das cidades. Não ficaremos satisfeitos enquanto a única mobilidade social a que um negro possa aspirar seja deixar o seu gueto por um outro maior. Não ficaremos satisfeitos enquanto os nossos filhos forem despidos de sua personalidade e tiverem a sua dignidade roubada por cartazes com os dizeres “só para brancos”. Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro do Mississippi não puder votar e o negro de Nova York acreditar que não há por que votar. Não e não. Não estamos satisfeitos e nem ficaremos satisfeitos até que “a justiça jorre como uma fonte; e a equidade, como uma poderosa correnteza”.

12 - Não ignoro que alguns de vocês enfrentaram inúmeros desafios e adversidades para chegar até aqui (Sim, Senhor). Alguns de vocês recentemente abandonaram estreitas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de regiões onde a busca por liberdade deixou-os abatidos pelas tempestades da perseguição e abalados pelos ventos da brutalidade policial. Vocês são os veteranos do sofrimento profícuo. Continuem a lutar com a fé de que o sofrimento imerecido é redentor. Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para a Louisiana, voltem para os cortiços e para os guetos das cidades do Norte, conscientes de que, de algum modo, essa situação pode e será transformada (Sim). Não afundemos no vale do desespero.

13 - E digo-lhes hoje, meus amigos, mesmo diante das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho, um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença: “Acreditamos que essas verdades são evidentes, que todos os homens são criados iguais” (Sim).

14 - Eu tenho um sonho de que um dia, nas encostas vermelhas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos sentarão ao lado dos filhos dos antigos senhores, à mesa da fraternidade.

15 - Eu tenho um sonho de que um dia até mesmo o estado do Mississippi, um estado sufocado pelo calor da injustiça, sufocado pelo calor da opressão, será um oásis de liberdade e justiça.

16 - Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter (Sim, Senhor).

17 - Hoje, eu tenho um sonho!

18 - Eu tenho um sonho de que um dia, lá no Alabama, com o seu racismo vicioso, com o seu governador de cujos lábios gotejam as palavras “intervenção” e “anulação”, um dia, bem no meio do Alabama, meninas e meninos negros darão as mãos a meninas e meninos brancos, como irmãs e irmãos.

19 - Hoje, eu tenho um sonho.

20 - Eu tenho um sonho de que um dia todo vale será alteado (Sim) e toda colina, abaixada; que o áspero será plano e o torto, direito; “que se revelará a glória do Senhor e, juntas, todas as criaturas a apreciarão” (Sim).

21 - Esta é a nossa esperança, e esta a fé que levarei comigo ao voltar para o Sul (Sim). Com esta fé, poderemos extrair da montanha do desespero uma rocha de esperança (Sim).

22 - Com esta fé, poderemos transformar os clamores dissonantes da nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé (Sim, Senhor), poderemos partilhar o trabalho, partilhar a oração, partilhar a luta, partilhar a prisão e partilhar o nosso anseio por liberdade, conscientes de que um dia seremos livres. E esse será o dia, e esse será o dia em que todos os filhos de Deus poderão cantar com um renovado sentido:

O meu país eu canto.

Doce terra da liberdade, a ti eu canto.

Terra em que meus pais morreram,

Terra do orgulho peregrino,

Nas encostas de todas as montanhas, que a liberdade ressoe!

23 - E se a América estiver destinada a ser uma grande nação, isso se tornará realidade.

24 - E, assim, que a liberdade ressoe (Sim) nos picos prodigiosos de New Hampshire.

25 - Que a liberdade ressoe nas grandiosas montanhas de Nova York.

26 - Que a liberdade ressoe nos elevados Apalaches da Pensilvânia.

27 - Que a liberdade ressoe nas Rochosas nevadas do Colorado.

28 - Que a liberdade ressoe nos declives sinuosos da Califórnia (Sim).

29 - Mas não apenas isso: que a liberdade ressoe na Montanha de Pedra da Geórgia (Sim).

30 - Que a liberdade ressoe na Montanha Lookout do Tennessee (Sim).

31 - Que a liberdade ressoe em toda colina do Mississippi (Sim).

32 - Nas encostas de todas as montanhas, que a liberdade ressoe!

33 - E quando acontecer, quando ressoar a liberdade, quando a liberdade ressoar em cada vila e em cada lugarejo, em cada estado e cada cidade, anteciparemos o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, juntarão as mãos e cantarão as palavras da velha canção dos negros:

Livres afinal! Livres afinal!

Graças ao Deus Todo-Poderoso,

Estamos livres afinal!